

O papel do pai na constituição psíquica da criança na teoria ortodoxa e na teoria heterodoxa

*The role of the father in the child's psychic constitution
in orthodox and heterodox theories*

Carlos Alberto Plastino*

Resumo: Se para Freud o pai é agente fundamental na constituição psíquica da criança como portador da lei que impõe a separação mãe/filho num contexto de ameaça, medo, recalque e culpa, para Winnicott a constituição psíquica se opera no seio da relação dual com a mãe, caracterizada pelo acolhimento, a não retaliação e a comunicação inconsciente. O conhecimento dos primórdios da vida psíquica lhe permite conhecer a grande complexidade do papel paterno, desde o papel de “mãe auxiliar”, até o de pai rival do complexo de Édipo, que nesse contexto pode ser pensado como drama em vez de tragédia.

Palavras-chave: Pai. Matriz materna. Patriarcado. Freud. Winnicott.

Abstract: For Freud, the father is a fundamental agent in the child's psychic constitution, as the bearer of the law that imposes the mother-child separation within a context of threat, fear, repression, and guilt. In contrast, for Winnicott, psychic constitution takes place within the dual relationship with the mother, characterized by containment, non-retaliation, and unconscious communication. His understanding of the origins of psychic life allows him to grasp the profound complexity of the paternal role ranging from that of an “auxiliary mother” to the Oedipal complex's rival father, which, in this context, can be seen as a drama rather than a tragedy.

Keywords: Father. Maternal matrix. Patriarchy. Freud. Winnicott.

* Psicanalista. Professor aposentado do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio).

O papel do pai na constituição psíquica da criança será discutido neste texto na perspectiva da psicanálise ortodoxa formulada por Freud e ainda na perspectiva da psicanálise heterodoxa inicialmente elaborada por Winnicott. O confronto entre ambas as perspectivas é fundamental. Constitui o fulcro das importantes divergências teóricas entre essas duas formulações da teoria psicanalítica ao mesmo tempo que representa o confronto entre a análise que podemos denominar de patriarcal – psicanálise ortodoxa – e a ruptura frontal com o pensamento patriarcal na formulação da psicanálise heterodoxa. Ao longo deste trabalho será possível verificar que a concepção do papel paterno na constituição da subjetividade do infante no pensamento de Winnicott se insere no seu explícito afastamento da metapsicologia freudiana, o que significa abandonar os pressupostos patriarcais – abaixo discutidos – que sustentam a metapsicologia.

As divergências fundamentais entre estas duas perspectivas se referem a duas questões diferentes. A primeira é de natureza empírica: a teoria freudiana se sustenta nas características da paternidade na época em que o fundador da psicanálise elaborou sua teoria, ainda fortemente marcada pelo papel tradicional da figura paterna e de sua autoridade ao interior da família, num período histórico no qual o patriarcado conservava ainda uma hegemonia incontestada na vida social. A segunda divergência fundamental entre ambas as perspectivas é de natureza teórica. A construção teórica elaborada por Freud foi elaborada sobre a base de pressupostos deterministas e essencialistas ainda dominantes, desconsiderando a possibilidade de transformações históricas como as que efetivamente aconteceram nas décadas seguintes. Incorporava ainda acriticamente a perspectiva dualista e conflitiva que define o imaginário patriarcal. É nesse contexto que a teoria freudiana privilegia na figura paterna seu papel de representante da lei, sendo sua autoridade imposta à dupla mãe/filho, intervenção concebida como o fulcro da organização do psiquismo infantil.

Quase cinco décadas mais jovem que Freud, Winnicott foi beneficiado pela experiência brindada por uma época de intensas e profundas mudanças na vida social, no papel da mulher na sociedade e ainda das profundas transformações das concepções científicas e da superação da concepção determinista como hegemônicas no conhecimento científico. O abandono da metapsicologia, comentada por Winnicott em sua comunicação a Anna Freud, lhe permitiu afastar-se dos pressupostos essencialistas e dos determinismos deles derivados, elaborando sua teoria sobre a base de décadas de trabalho

clínico com os bebês e suas mães, podendo assim compreender o papel decisivo da figura materna na constituição da subjetividade da criança e nos seus avatares. Pode ainda compreender a complexidade do papel paterno no processo de desenvolvimento emocional dos filhos, constatando que o papel do pai como representante da lei era precedido, no desenvolvimento emocional primitivo, por um acolhimento amoroso e não repressivo.

A seguir discutiremos inicialmente o que consideramos ser o contexto e fundamento de concepção de Freud sobre o papel do pai na constituição psíquica da criança, para abordar posteriormente a concepção winnicottiana.

A CONCEPÇÃO FREUDIANA E SEUS FUNDAMENTOS

Experiência singular de conhecimento, a experiência psicanalítica se diferencia das práticas desenvolvidas pelo e para o conhecimento científico. Sustentada numa relação intersubjetiva atravessada de afetos, é dessa experiência que emanam as grandes descobertas freudianas. Foi nelas que, precisando vencer as resistências opostas pelas crenças teóricas que embasaram sua formação e os saberes da época, o fundador da psicanálise descobriu a existência do psiquismo inconsciente, de seu específico processo de conhecimento – o processo primário – e do papel fundamental dos fatores afetivos. Contrariando crenças científicas então dominantes (FREUD, 1900/1976), transformou a compreensão dos sonhos, afirmando serem portadores de sentido. Foi nessa experiência ainda que Freud compreendeu o sentido e modo de organização das que denominou neuroses de transferência e o papel central desempenhado na sua etiologia pelo complexo de Édipo. A elaboração teórica dessa experiência – a teoria clínica –, é quase uma transposição da experiência na teoria, para dizê-lo com as palavras do próprio Freud. Na dimensão epistemológica da experiência clínica criada por Freud, a participação fundamental dos fatores afetivos na relação analítica e na compreensão de seu sentido, assim como a relevância da apreensão e compreensão intuitivas nessa relação, são dominantes, criando assim uma nova forma de saber, radicalmente diferente do imaginário que nutre a perspectiva iluminista do conhecimento, perspectiva que embasava a visão do mundo herdado por Freud. O “Juramento de Berlim”, no qual participaram dois de seus mais importantes mestres, ilustra exemplarmente o peso das crenças que engessaram os ensinamentos que recebera. Convém sublinhar que o caráter inquestionável da concepção materialista do real

e a exclusividade atribuída à epistemologia empirista e racionalista criam um abismo entre a concepção então vigente do processo de conhecimento, e a experiência na qual Freud criou a psicanálise.

Na perspectiva iluminista que herdara, Freud pensava “teoricamente” as emoções e os modos de apreensão ligados à intuição, sem questionar a concepção que os privou de sua autonomia como portadores de sentido. As considerava como expressão da natureza humana, porém concebendo esta na perspectiva reducionista e mecanicista do paradigma dualista, através do qual a modernidade adotou e adaptou a perspectiva patriarcal de longa data dominante. Como consequência da adesão acrítica desse pressuposto patriarcal, as emoções foram, na elaboração teórica de maior nível de abstração – a metapsicologia – privadas de qualidade e sentido, sendo situadas, na perspectiva dualista, no polo inferior. Sendo a concepção dualista hierarquicamente organizada, as emoções eram destinadas a ser dominadas pela atividade racional do “polo superior”, monopolizadora da produção e transmissão de sentido, assim reduzido ao significado. Esta crença dualista dominante na época presidia a perspectiva de Freud desde antes da criação da metapsicologia, como mostra seu segundo artigo sobre as Psiconeuroses de transferência (FREUD, 1896).

A compreensão teórica dos afetos ao interior da camisa de força da ontologia e da epistemologia moderna, levou Freud a impasses importantes entre a compreensão que obtinha na sua experiência clínica – e a consequente teoria clínica – e a concepção de “maior grau de abstração”, a Metapsicologia, concebida como uma “superestrutura especulativa”, criada para lidar com as questões não passíveis de observação direta. Um exemplo importante desses impasses fica evidente no seu artigo de 1915 sobre o inconsciente (FREUD, 1915/1976). Nele, considerando o processo do recalque, cujo efeito seria a separação do afeto e da representação, Freud afirma que apenas a representação seria objeto de recalque, os afetos não podendo sê-lo em razão de não possuírem, em si mesmos, sentido que o justificasse. Sua experiência clínica, entretanto, lhe impede de ignorar o caráter genuinamente inconsciente que o sentimento de culpa muitas vezes possui, o que o levou a um grande impasse, reproduzido desde outra perspectiva no seu artigo sobre o recalque, do mesmo ano (FREUD, 1915/1976).

A desvalorização dos afetos no nível teórico, em aberta contradição com suas descobertas clínicas, revela a hegemonia das categorias centrais da modernidade e do imaginário patriarcal no pensamento metapsicológico de

Freud. Essa desvalorização, vigente de longa data, tornou-se dominante num processo concomitante com a afirmação da dominação patriarcal. A evolução do papel dos afetos no processo que levou à afirmação do patriarcado e do racionalismo na Grécia antiga é ilustrativa da formação dessa concepção. Inicialmente considerada a força da vida, porém tendendo ao excesso, a paixão requeria a existência de uma “medida” (*ratio*). Essa “*ratio*” transformou-se, com a emergência do racionalismo grego, em razão, tendo agora como um de seus objetivos o domínio das paixões. Transformação operada num contexto de afirmação do dualismo hierarquizante da vida social e da própria realidade, base do domínio masculino e racional sobre a mulher, o corpo, os afetos e tudo aquilo considerado pertencente à natureza. Assim, a paixão devia ser dominada pela razão e a sociedade, pela dominação patriarcal. A afirmação de uma concepção da vida social e da atividade humana presidida pela ideia de conquista, conflito e dominação, constitui o arcabouço desse processo de desvalorização das emoções. O mesmo processo atingiu a concepção do imaginário humano, reduzido no contexto de afirmação da ontologia determinista, a momento segundo da percepção, ignorando sua participação fundamental no processo de criação (CASTORIADIS, 1978).

A relação entre a afirmação da perspectiva determinista e o patriarcado é ostensiva. A obra de Platão ilustra a natureza fundamental dessa relação. Reconhecendo explicitamente a paternidade intelectual de Parmênides, Platão afirma a perspectiva determinista, banindo a concepção do real como devir. Nessa concepção, a parte emocional é pensada como feminina e situada na parte inferior do dualismo. Como consequência da concepção que desvaloriza os afetos e a imaginação e, sendo a intuição e a imaginação centrais na atividade poética, Platão propunha que os poetas fossem expulsos da cidade. A afirmação da filosofia racionalista implicou assim o banimento do imaginário (da fantasia) e o rebaixamento dos afetos e do feminino, sendo a mulher reduzida ao mundo da necessidade e barrada da atividade política, inserida no mundo da liberdade, reservado aos homens livres. Atualizada pelo dualismo da modernidade, esta concepção dominou o imaginário freudiano, como demonstra exemplarmente no seu *Moisés e a religião monoteísta* (FREUD, 1937/1939/1976). As relações sociais vigentes no tempo em que Freud realizou suas descobertas, organizadas em torno de um imaginário social ainda fortemente dominado pela perspectiva patriarcal, deu sustentação empírica a sua construção teórica, sendo que o determinismo dominante nos pressupostos ontológicos e epistemológicos, o levaram a naturalizar o que constituíam

práticas originadas na história e, como o processo histórico posterior mostrou, questionáveis e contingentes.

Foi neste contexto que Freud descobriu o complexo de Édipo e seu papel central no sofrimento neurótico, realizando uma das maiores descobertas operadas pela psicanálise. O cenário no qual foram realizadas as descobertas freudianas, fundamentalmente vinculadas ao sofrimento neurótico, cimentou a crescente centralidade outorgada à vivência edipiana na organização do psiquismo, fortemente desenvolvida pelos sucessores de Freud no que Winnicott denomina a psicanálise ortodoxa. A ausência de experiência empírica com crianças barrou para o fundador da psicanálise o aprofundamento da compreensão do processo de formação do psiquismo e da constituição do ego. Mas mesmo quando a psicanálise ortodoxa se aventurou no trabalho clínico com crianças muito pequenas, fundamentalmente no início através da obra pioneira de Melaine Klein, essa primazia teórica do Édipo foi mantida. No seu *Enfoque pessoal sobre a contribuição kleiniana* Winnicott escreve: “...nos anos vinte tudo tinha o complexo de Édipo no seu âmago” (WINNICOTT, 1964/1982), acrescentando que as dificuldades anteriores à vivência edipiana que vinham à tona, eram tratadas como regressões a pontos de fixação pré-genital, atribuindo sua dinâmica ao conflito próprio do conflito de Édipo, marcadamente genital. O atraso no estudo do ego, reconhecido por Freud, limitou sua compreensão do período de formação do psiquismo a algumas intuições geniais, entre as quais se destaca sua formulação da identificação primária, que define como sendo anterior às relações de objeto, operada exclusivamente por fatores afetivos e não mediada pela representação. Como se verá, Winnicott acolhe a intuição freudiana, porém formulando uma concepção que, ilustrada pelo seu conhecimento do processo primitivo de desenvolvimento, difere sensivelmente da elaborada pelo fundador.

A influência do imaginário patriarcal persistiu no pensamento de Freud até o final de sua gigantesca produção teórica, e isto apesar dos importantes artigos escritos nos últimos anos sobre a feminilidade (1931 e 1933). Em um de seus últimos textos acima citados (FREUD, 1937/1939/1976), refletindo sobre o que denomina “progresso da espiritualidade”, caracteriza a espiritualidade como sendo o estabelecimento do domínio do pensamento abstrato e da razão sobre a sensualidade e a afetividade. No processo do estabelecimento do monoteísmo pelo povo judeu, discorre Freud, a proibição de criar imagens constitui a expressão do abandono da representação sensorial de Deus em favor de uma representação mais abstrata. Assim a sensualidade e a irracionali-

dade, expressão do que no homem é natural, teriam passado a ser dominadas, junto com a mulher e a fantasia, pelo poder masculino restabelecido pela instauração do patriarcado e pela superação da sociedade matriarcal. No mesmo processo, continua, o direito materno teria sido substituído pelo paterno. Na espiritualidade, “representações, lembranças e processos de raciocínio se tornaram decisivos por oposição à atividade psíquica inferior, que tem como conteúdo percepções imediatas dos órgãos sensoriais” (FREUD, 1937/1939/1976, p. 110). Continua afirmando que a superioridade do pensamento abstrato sobre a percepção dos sentidos embasa a superioridade masculina, posto que a paternidade é um suposto construído sobre um raciocínio e sobre uma premissa, enquanto a maternidade é constatada pelos órgãos dos sentidos. Este processo caracterizaria, na sua opinião, “um triunfo a espiritualidade sobre a sensualidade” representando “uma renúncia ao pulsional, com suas necessárias consequências sobre a vida psíquica” (FREUD, 1937/1939/1976, p. 108-110). Assim, naquela que seria uma de suas derradeiras elaborações teóricas, sustentando a concepção dualista central do patriarcado, atribuiu os sentidos e a imaginação à mulher, considerando-os negativamente.

Neste ponto de sua reflexão, Freud se pergunta sobre os motivos que teriam impulsionado esses processos e por que em determinado momento histórico esse processo de substituição foi avaliado positivamente? Dito de outro modo, por que em determinado momento um indivíduo ou um povo considera que a renúncia ao sensual e sua substituição pelo pensamento abstrato seria um progresso e um motivo de orgulho e de afirmação de si? Freud responde a esta pergunta construindo um argumento centrado no processo de emergência do superego, retrocedendo até suas origens na pré-história humana, retomando seu trabalho de 1912 *Totem e tabu* (FREUD, 1912/1913/1976) no qual atribuía a origem da religião totêmica ao parricídio. O assassinato do pai primitivo pelos seus filhos, afirma Freud, teria produzido “o clã fraterno, o direito materno, a exogamia e o totemismo” (FREUD, 1937/1939/1976, p. 127). No longo processo posterior, que vai desses tempos primordiais ao estabelecimento do monoteísmo, já em épocas históricas, Freud supõe que se opera lentamente um “retorno do recalçado” e a vivência das moções pulsionais antagônicas e o sentimento de culpa. Vivências que foram conservadas inconscientemente, sendo que “o conteúdo do inconsciente é coletivo, patrimônio universal dos seres humanos” (FREUD, 1937/1939/1976, p. 127).

Fazendo uma analogia entre as vivências coletivas dos povos e os processos individuais estudados pela psicopatologia, Freud declara ter optado por

sustentar o suposto segundo o qual as vivências dos tempos primordiais tinham se tornado patrimônio hereditário de todas as gerações seguintes. Aceito este suposto, Freud especula que “o retorno do recaiado”, isto é, das vivências que acompanharam o assassinato do pai primordial, foi acontecendo pouco a pouco ao longo da história humana. A figura paterna teria voltado a ser o chefe da família humana, mesmo que sem o poder irrestrito do pai primitivo. Assim, escreve Freud, “foi restaurado o império do pai da horda primordial e puderam ser repetidos os afetos dirigidos a ele” (FREUD, 1937/1939/1976, p. 129). O estabelecimento da religião monoteísta significaria então o momento histórico no qual “no desenvolvimento da humanidade o sensual é avassalado pelo espiritual.

Presente inicialmente na concepção freudiana pelo papel atribuído ao conflito e à repressão na sociabilidade humana, esta concepção patriarcal, expressa na cultura ocidental pela crença no “pecado original”, torna-se dominante na última etapa do pensamento freudiano através da concepção da pulsão de morte. Winnicott comenta, criticando explicitamente Freud e Klein, que a afirmação da pulsão de morte caracterizava a incorporação da crença do pecado original na teoria psicanalítica.

WINNICOTT: UMA PSICANÁLISE NÃO PATRIARCAL

Pediatra posteriormente tornado psicanalista especializado no atendimento de crianças muito pequenas, inclusive bebês e suas mães, Winnicott adquire durante um trabalho de décadas uma experiência que, como é sabido, faltou ao fundador da psicanálise. A experiência clínica com esses pacientes tornou para ele evidente a inadequação dos pressupostos patriarcais adotados acriticamente pela metapsicologia freudiana. Dualismo corpo e alma, redução do sentido ao significado, negação de sentido próprio aos sentimentos, negação do valor da intuição na compreensão, repressão e culpa inevitável, nada disso lhe permitia compreender as experiências vivenciadas com esse tipo de paciente. Ao mesmo tempo, essa experiência permite à psicanálise heterodoxa se incorporar ao amplo movimento que, em outras ciências e saberes, erodiu ao longo do século XX o determinismo dominante no pensamento patriarcal, recuperando a historicidade da experiência humana e da própria natureza.

Como dito acima, as profundas mudanças operadas ao longo do século XX no papel da mulher na vida social e familiar e a correlativa transformação da

figura paterna, permitiram a Winnicott observar a complexidade do papel paterno, no qual o pai que interdita, vivenciado no complexo de Édipo, fora precedido pela figura paterna que, ao longo do desenvolvimento emocional primitivo do bebê, assume diversos papéis. “Ambiente do ambiente”, como suporte afetivo e organizacional no período da dependência absoluta do bebê, o novo pai assumia, em muitos casos por ele observados, a função de “mãe substituta” ou “mãe auxiliar”. Se no período da dependência absoluta a figura do pai, assim como o resto da externalidade, do mundo não é percebida pelo bebê, quando este abandona a posição de dependência absoluta e empreende a tarefa de constituição de seu ego unitário; o reconhecimento da alteridade que então se torna possível lhe permite reconhecer progressivamente as figuras da mãe e do pai, podendo iniciar uma intensa e direta relação com a figura paterna. É importante frisar que se trata de uma figura real, precedida pelas marcas profundamente inconscientes do período anterior. No seu artigo *O uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo*, Winnicott comenta este processo assinalando as diferenças existentes com o período vivido por Freud. Ele escreve:

Freud, no arcabouço de seu próprio e bem disciplinado funcionamento mental, não sabia que temos hoje que lidar com um problema como o seguinte: o que há na presença real do pai e do papel que desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? O que isto causa ao bebê? Pois há uma diferença que depende do pai achar-se lá ou não, se é capaz de estabelecer um relacionamento ou não, se é são ou insano, se tem personalidade livre ou rígida. (WINNICOTT, 1994, p. 187).

A consideração das características reais das figuras paternas, convivendo com as fantasias elaboradas pelo bebê, tem importante participação no desenvolvimento do drama edipiano. Se nesta vivência e na fantasia da criança o pai passa a ser considerado um rival ameaçador, o pai real pode sobreviver aos ataques desferidos na fantasia pela criança, reagindo com uma atitude de acolhimento não isenta de firmeza. Ajuda assim a criança a discernir progressivamente fantasia de realidade, possibilitando um processo crucial para seu desenvolvimento. Na passagem do bebê do período de dependência absoluta para o de dependência relativa, desenvolvido no interior da relação dual com a mãe, a presença paterna se manifesta ajudando a mãe no seu processo de separação do bebê, essencial para o bebê atingir sua integração como unidade egoica. Reivindicando sua presença como parceira sexual, o pai incentiva o

movimento de separação da figura materna. Este processo inaugura para o bebê a experiência de ser excluído de um aspecto da vida dos pais, iniciando um movimento que culminará com a formação da relação triangular na qual se desenvolverá o complexo de Édipo.

A participação paterna na vida do bebê no período da dependência relativa se manifesta ainda de outra maneira, constata Winnicott. Nesse período, ele assume para o bebê características maternas de rigor e severidade que começam a fazer parte da atitude materna no período da dependência relativa. A emergência da figura paterna permite ao bebê depositar nele essas características de rigor e severidade tão diferentes do acolhimento, maciez e ternura que presidem a atitude materna no período da dependência absoluta. Esse processo de progressiva diferenciação da figura paterna culmina na construção de um pai forte que pode ser respeitado e amado. “Quando o pai entra na vida da criança” – escreve Winnicott – “este chama para si os sentimentos que a criança já alimentava em relação de certas propriedades da mãe e, para esta, constitui um grande alívio verificar que o pai se comporta da maneira esperada”. Winnicott sublinha que esta inicial e benéfica participação da figura paterna na vida do bebê ainda não possui a característica de interditar a relação do bebê com a figura materna, mas resulta da iniciativa do próprio bebê dentro do contexto das mudanças que acontecem dentro da relação dual.

A figura paterna terá ainda outra importante participação na vida do bebê, bem antes da vivência edipiana. Percebido pelo bebê como diferente de si mesmo e da mãe, o pai permite ao bebê “o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e da totalidade pessoal”, permitindo-lhe antecipar sua própria integração. Ao contrário da mãe, que começa sendo para o bebê um conglomerado de objetos parciais, o pai como tal aparece para o bebê, desde o início, como figura total. Fica assim evidente do que antecede que a figura paterna, progressivamente diferenciada, não surge inicialmente para a criança como aquele que interdita, portador da lei, mas como referência e modelo de integração.

Como é sabido, no processo de constituição egoica, ao descobrir a alteridade e o conseqüente discernimento, o bebê passa a lidar com a administração da destrutividade própria do amor primitivo, expressão do impulso vital. Surge então a necessidade de proteger a mãe contra seus próprios impulsos. A presença de um pai forte e protetor torna-se então fundamental, podendo o bebê delegar a ele a tarefa de controlar seus impulsos, não precisando então inibi-los. Pode assim vivê-los, conhecê-los e, progressivamente, aprender a

controlá-los. Esta função de proteção e limitação, no entanto, não caracteriza ainda para a criança o papel de pai que interdita. O pai só será vivenciado desse modo para a criança quando a figura do pai for percebida, no contexto já da relação triangular, como tendo uma relação especial e excitante com a figura materna, sendo a própria criança excluída dessa experiência, gerando nela as fantasias de agressão e passando a nutrir as fantasias de retaliação paterna próprias do complexo de Édipo. É nesse contexto que o pai aparece para a criança como rival, passando a nutrir por ele sentimentos ambivalentes.

Esse pai agora percebido como rival é, no entanto, conhecido da criança de longa data, tendo sido sua imagem construída nos períodos anteriores como aquele que lhe dava proteção, acolhimento e garantia contra seus próprios impulsos destrutivos dirigidos à figura materna. Este fato, somado à efetiva resposta paterna nos conflitos que caracterizam o complexo de Édipo, são cruciais para suas vivências e seu desfecho. Quando a resposta é dada por uma figura paterna capaz de diferenciar as fantasias de seu filho da realidade, ele poderá abster-se de rivalizar com a criança. Em síntese, a resposta amadurecida da figura paterna à expressão das fantasias eróticas e agressivas do filho, combinando acolhimento e firmeza, permitindo-lhe assumir seu papel de pai que interdita, e, portanto, dando limites aos impulsos eróticos e agressivos do filho, mas sem abandonar a atitude que este já conhece, de proteção, acolhimento e companheirismo.

O complexo de Édipo pode ser assim vivenciado pela criança como um drama e não necessariamente como uma tragédia. Assim, as transformações operadas pela ainda não concluída decadência do patriarcado, somadas à superação dos pressupostos deterministas e dualistas do imaginário patriarcal assumido por Freud, tornam possível a revisão da construção teórica elaborada por Freud para pensar o complexo de Édipo. As experiências que alicerçaram a construção teórica de Freud, extraídas da observação da sociedade patriarcal em que viveu e de um imaginário nutrido pela sua própria experiência, levaram-no a interpretar o drama edipiano como uma espécie de estrutura comandada por pretensas e rígidas determinações naturais e, portanto, imodificáveis pelo devir histórico da vida social. Beneficiados pela experiência histórica, hoje sabemos que os pressupostos e valores que sustentaram sua interpretação eram produtos de modalidades históricas de práticas sociais e modelos de pensamento, superados pelos novos conhecimentos adquiridos em todos os campos. Todavia, como salientado acima, as profundas transformações ocorridas constituem um processo não apenas inacabado como passí-

vel – como mostram os acontecimentos recentes – de profundos retrocessos. Não foi em todas as famílias que as relações de dominação masculina foram superadas, nem todos os pais assumem para com seus filhos as múltiplas funções descritas por Winnicott. A recente e assustadora hegemonia alcançada por líderes de orientação fortemente autoritária e por movimentos próximos da ideologia fascista e mesmo nazista ilustra dolorosamente a brutal reação patriarcal que vivenciamos na contemporaneidade. De fato, a concepção historicista e não determinista da vida individual e social não garante por si mesma um futuro de afirmação de valores empáticos e solidários. Pelo contrário, a perigosa situação hoje vivenciada no mundo, num contexto de generalizada alienação, faz que não seja possível descartar a possibilidade de um final trágico para a aventura humana. No entanto, isto não significa que o devir histórico esteja encerrado porque somos os homens os que fazemos a história. Quiçá seja o momento de, lembrando Gramsci, lembrar que ao pessimismo do pensamento pode ser contraposto o otimismo da vontade.

DUAS CONCEPÇÕES ANTAGÔNICAS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

A compreensão winnicottiana do processo de constituição subjetiva foi alicerçada por quatro décadas de trabalho clínico com bebês e suas mães, crianças pequenas e pacientes com perturbações psicóticas, experiências que lhe permitiram uma profunda compreensão do complexo processo de desenvolvimento emocional primitivo e dos papéis diferentes assumidos pelas figuras parentais nesse processo. Na sua perspectiva é na relação dual entre o bebê e sua mãe que esse processo de constituição da subjetividade do bebê se realiza, num longo e complexo caminho que passa pela descoberta por parte do bebê da diferenciação da figura materna – e da existência do mundo externo –, a passagem pela posição depressiva com as fantasias de destruição dessa mãe agora separada, a não retaliação materna e a manutenção do acolhimento, a ativação da empatia natural da criança pela resposta empática da mãe, culminando pela conquista do sentimento de culpa e sua transformação em sentimento de concernimento e reconhecimento pelo bebê da capacidade de reparação. Como é fartamente conhecido, na perspectiva da psicanálise ortodoxa a constituição subjetiva se opera no cenário da relação triangular e se caracteriza pela primazia de sentimentos de conflito, ameaça de castração, sen-

timento de culpa, repressão e recalque. Inversamente, a constituição psíquica da criança na perspectiva elaborada por Winnicott é operada num contexto no qual prima o acolhimento e a não retaliação, no seio do que o saudoso psicanalista Nahman Armony denominava “matriz materna”. O mestre carioca enfatizava,

que nessa matriz a comunicação entre o bebê e sua mãe era inconsciente, corporal e intuitiva. O autor acrescentava que a castração operada pela vivência do complexo de Édipo, na perspectiva de Freud, além de interditar a relação edipiana, tinha por função esmagar essa matriz fundacional do contato do bebê com o mundo, preparando-o assim para assumir seu lugar na reprodução do patriarcado, considerada positiva pelo fundador da psicanálise (ARMONY, 2013).

As consequências dessas duas concepções tão diferentes sobre a constituição subjetiva se desdobram em temas da maior importância teórica e clínica, incluindo questões tão importantes como a da emergência do superego, e o problema do narcisismo primário (ARMONY, 2013).

Na continuação deste artigo abordaremos algumas dessas questões, visando uma compreensão mais aprofundada da problemática acima discutida. O faremos partindo da consideração sumária da singularidade da abordagem winnicottiana, no intuito de lançar luz sobre a concepção antropológica que surge de sua teoria e seu radical afastamento dos pressupostos patriarcais que organizam a metapsicologia freudiana.

O CONCEITO DE PSICOSSOMA

Todo o contexto subjacente à elaboração da metapsicologia freudiana foi afastado pela reflexão de Winnicott. O ponto de partida da concepção antropológica que surge de sua teoria é o conceito de psicossoma, através do qual ele abandona tanto o dualismo antropológico cartesiano como a crença na precedência do indivíduo em relação aos laços sociais. Na sua perspectiva, esse ser denominado psicossoma atravessa um longo e complexo processo de individualização para tornar-se um indivíduo. Ao nascer, é um mamífero dotado pela natureza e pelo processo evolutivo, de tendências cuja atualização criativa, em cada caso, depende radicalmente da presença acolhedora do ambiente huma-

no, inicialmente representado pela figura materna. Característica fundamental desse organismo humano, é sua capacidade inata de elaborar imaginativamente suas experiências, constituindo esta capacidade o cerne de seu psiquismo. Embrião da fantasia, essa capacidade imaginativa embasa a essencial capacidade criativa do ser humano, caracterizando esta afirmação winnicottiana a superação do banimento milenar da fantasia, fundamentando a compreensão da decisiva participação humana na constituição da realidade e relativizando a vigência antes onnipresente do determinismo. Convém desenvolver, nos limites possíveis neste artigo, o pensamento de Winnicott sobre estas questões.

A atividade do psicossoma é pensada por Winnicott através dos conceitos fundamentados na sua prolongada observação de bebês. O ponto de partida é a constatação de um movimento natural que denomina força vital (WINNICOTT, 1950/1955/2000) e se exprime na motilidade que caracteriza a vida do ser humano desde seu estágio fetal. Winnicott a designa singelamente como a característica humana que faz que o bebê se mexa ao invés de ficar quieto. Esta força natural o move a buscar algo fora de si, configurando uma característica que Winnicott designa como agressividade, atividade essencial na qual se exprime a espontaneidade que constitui uma característica e uma necessidade fundamental de seu ser.

Winnicott não ignora a existência da agressão e da inimizade entre os seres humanos e na vida social. Ao interrogar-se sobre ela, contudo, se afasta da postulação de uma pulsão determinada pela natureza e insuperável, construindo uma compreensão teórica inspirada pela experiência clínica. O movimento agressivo existe desde o início da vida, no movimento natural do bebê que denomina “amor primitivo”. A presença da agressão desde o começo da vida não obriga, entretanto, a postular a existência de uma “pulsão natural de destruição”, como teoriza Freud na sua segunda teoria pulsional, definindo as pulsões como sendo um “bloco de natureza indomável na nossa composição psíquica” (FREUD, 1930/1976). Verificando ser a agressão a resposta à frustração de uma satisfação, Winnicott salienta que, sendo “na prática (é) impossível a satisfação total do Id” (WINNICOTT, 1950/1955/2000, p. 295), as frustrações são, desde o início da vida, inevitáveis em algum grau. Esta compreensão se funda na constatação que, embora fundamental para cimentar um desenvolvimento emocional sadio, mesmo a ação de uma mãe suficientemente boa em estado de “preocupação materna primária”, não pode evitar o surgimento de alguma medida de frustração da satisfação do bebê. No amor primitivo, entretanto não há ainda um ego organizado, não sendo em consequência pos-

sível a aceitação da responsabilidade pela agressão, na qual também não existe ódio. Simplesmente a destruição é, no impulso do id, parte do objetivo, sendo meramente incidental à satisfação. A raiva e o conseqüente temor à retaliação requerem a presença de um eu integrado, ainda inexistente ou em processo inicial de formação, não sendo, portanto, experiências que o bebê viva no amor primitivo. Este contém então um aspecto destrutivo, embora não exista a intenção de destruir, dado que nesse período precoce ainda não existe o concernimento.

A CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA

Outra diferença fundamental da compreensão winnicottiana em relação à psicanálise ortodoxa e seus pressupostos é o papel atribuído na sua concepção do desenvolvimento inicial primitivo do ser humano à dependência, acompanhado da tendência natural da mãe a sustentar o nível inicialmente absoluto dessa dependência na capacidade temporária possibilitada pela “preocupação materna primária” (WINNICOTT, 1950/1955/2000, p. 399), capacidade excepcional que tem como fundamento o “amor devotado” (WINNICOTT, 1964/1982) Esta participação fundamental do sentimento do amor na relação primária do bebê humano é fundamental na concepção antropológica elaborada por Winnicott. No período primitivo do desenvolvimento emocional, que conclui com a formação do ego e o reconhecimento da alteridade, as pulsões não têm um papel de protagonismo, posto que, não existindo ainda um ego unificado, elas são, como afirmara Freud, parciais. O processo no qual o eu se constitui e a participação decisiva no processo no qual o bebê percebe e reconhece a existência da mãe como alguém diferente dele, concluindo assim a constituição de seu eu (realização), preparada pelos processos de integração e personalização. Também neste processo – a posição depressiva – o amor tem um papel decisivo, guiando a resposta acolhedora e não retaliatória da mãe face à destruição fantasiada pelo bebê como resposta ao processo de diferenciação. O sentimento de empatia que então surge no bebê, “facilitado” pela manutenção do acolhimento amoroso da mãe, embasa nele a conquista do sentimento de culpa, desdobrado na conquista do sentimento de concernimento e no movimento de reparação. Novamente é o amor que permite a percepção materna dessa mudança no bebê e das tentativas de reparação que ele realiza, as aceitando com alegria.

Os desdobramentos dessa concepção são gigantescos: ela permite a fundamentação da emergência do superego sobre a base de uma tendência natural do ser humano (a empatia) e ao interior da relação ainda dual com a figura materna, no contexto presidido pelo acolhimento amoroso. Trata-se de uma origem espontânea e não imposta da instância superegoica. Winnicott reconhece a existência e necessidade do superego social descoberto e teorizado por Freud, mas mesmo reconhecendo sua importância, não lhe atribui a centralidade que ganhou na psicanálise ortodoxa. Não lhe atribui a característica de ser a “origem” da moralidade no indivíduo, nem de seu processo de reconhecimento e aceitação da alteridade (WINNICOTT, 1963/1983). No seu *Enfoque pessoal da contribuição kleiniana* equipara a descoberta por Klein da posição depressiva à descoberta por Freud do complexo de Édipo, considerando ambos os grandes momentos da descoberta psicanalítica (WINNICOTT, 1962/1983, p. 160). O ambiente em que um e outro se desenvolvem é claramente diferenciado, a primeira tendo como característica central a não retaliação e o acolhimento amoroso e o segundo, o conflito, a repressão e o recalque. O complexo de Édipo, na sua teoria do desenvolvimento emocional, é vivenciado por todos os que tiveram um relativo sucesso na face primitiva do desenvolvimento emocional, não sendo, portanto, uma experiência necessariamente enfrentada por todos os seres humanos, como afirma Freud. Na sua perspectiva, aqueles cujo processo de desenvolvimento primitivo fracassa ao ponto de impedir a plena formação do ego, continuam vivendo no mundo da necessidade, não atingindo verdadeiramente o mundo do desejo.

Na concepção winnicottiana, no contexto de um desenvolvimento emocional primitivo bem-sucedido, e no contexto da nova figura do pai tornada possível pela acentuada decadência – embora ainda incompleta – da concepção patriarcal, o Édipo pode ser vivenciado como um drama e não necessariamente como uma tragédia. Embora reconhecendo a importância da vivência edípica no desenvolvimento emocional e sua participação no reconhecimento da diferenciação sexual e intergeracional, a concepção winnicottiana e o papel nela atribuído à passagem pela “posição depressiva” como cenário da emergência do sentimento moral e do reconhecimento da alteridade, afasta, neste importante aspecto da teoria, o pensamento de Winnicott do pensamento freudiano. Se na perspectiva de Freud o indivíduo sai menor do processo de emergência do superego (FREUD, 1930/1976), operado no desfecho do complexo de Édipo, para Winnicott, o surgimento do superego espontâneo no desfecho da posição depressiva, torna o indivíduo maior já que “completa” seu

processo de individuação pelo início de seu reconhecimento do outro e da sociabilidade que lhe é constitutiva. A imposição do superego pensado como a “implantação de uma cidadela no coração de uma cidade inimiga” (FREUD, 1930/1976) tem como consequência o que o pensador carioca Nahman Armony designa como “matriz materna”, forma de relacionamento primário do bebê feita por uma comunicação “corporal, afetiva e intuitiva” (ARMONY, 2013). Esta forma inicial de comunicação do bebê humano, desvalorizada pelo patriarcado, é por ele destinada a ser dominada, e finalmente esmagada. Esta experiência inicial do bebê é o que leva Winnicott a afirmar a “bondade originária”, terminologia que assinala radical afastamento da concepção de “pecado original” e da postulação da pulsão de morte.

Na ótica freudiana a ambivalência afetiva gera e sustenta a existência de um sentimento de culpa insuperável, tornando impossível a felicidade na experiência humana e inevitável o mal-estar social. Winnicott não desconhece a existência da ambivalência, mas a considera parte da experiência do ego e não de uma determinação indomável do Id. Lidar com ela constitui, na sua concepção, uma tarefa para a vida toda, sem, no entanto, fazer do sentimento de culpa o cerne da experiência humana nem impedir sua transformação em sentimento de concernimento e responsabilidade social.

Concebendo a experiência do desamparo inicial como uma possibilidade decorrente da falha do acolhimento ambiental no período inicial da vida, Winnicott não o considera uma experiência inicial inevitável. A importância que atribui ao respeito à espontaneidade do bebê leva-o a questionar a concepção do trauma de nascimento. O cerne de sua compreensão – sustentada em diversas experiências de regressão em trabalho analítico com psicóticos (WINNICOTT, 1948/2000) reside na sua compreensão da enorme significação do agir espontâneo na experiência do bebê, desde seu estado fetal. Não desconhece que na experiência do nascimento a interferência ambiental existe e é inevitável, mas considera que no parto normal não é nem tão intensa nem prolongada que exija do bebê uma reação de adaptação, rompendo o fio da experiência de ser (*Id., ibid.*, p. 265). O parto normal é então não traumático por não ser significativo, sendo que após o nascimento, a “adaptação absoluta da mãe” permite ao bebê retornar à experiência do viver espontâneo. Já no parto traumático a irrupção ambiental, sendo excessivamente intensa e prolongada, torna-se significativa, impedindo que o nascimento seja vivenciado pelo bebê como uma experiência espontânea. O fator mais importante do trauma é, então, a imposição ao bebê de um agir reativo, que provoca nele perda temporária da

identidade e um sentimento extremo de insegurança e desesperança quanto à possibilidade de atingir uma vida significativa.

INDIVÍDUO E INDIVIDUAÇÃO

Assim, se a teoria ortodoxa pensa o desamparo como experiência inicial fundamental do bebê humano, Winnicott atribui esse lugar à experiência de espontaneidade em situação de dependência absoluta. Esta diferença fundamental de perspectiva é indissociável das concepções antropológicas subjacentes. Freud parte da concepção de um indivíduo antissocial, enquanto Winnicott afirma, a partir de sua experiência clínica, que é preciso considerar o processo de formação desse indivíduo, ou seja, seu processo de individuação. Vejamos isto mais de perto: toda vez que o pensamento freudiano neste ponto é complexo, já que se por um lado aceita a inexistência do ego no início da vida, afirma, ao sustentar a existência do “narcisismo primário”, a precedência de um indivíduo. No primeiro capítulo do seu *O mal-estar na cultura*, Freud relata seu diálogo com seu amigo Romain Rolland em torno do que este último designa como “sentimento oceânico”. O texto mostra que, embora reconhecendo a inexistência inicial do ego, Freud mantém o pressuposto individualista central na concepção antropológica patriarcal. A influência desse pressuposto no seu pensamento é de tal ordem, que o leva a modificar radicalmente a afirmação central de seu interlocutor sobre o “sentimento oceânico” sem perceber que sua interpretação do dito pelo seu amigo é radicalmente contraditória com o que Rolland escreve e ele transcreve. Rolland descreve o sentimento oceânico como “um sentimento de ligação indissolúvel, de pertencer ao todo do mundo exterior”, enquanto Freud o entende como “um sentimento de conter o todo” (FREUD, 1930/1976, p. 66). Embora o fundador da psicanálise pareça considerar ambas as expressões equivalentes, elas exprimem perspectivas radicalmente diferentes. O sentimento de “conter o todo”, cuja reminiscência fundamentaria, na opinião de Freud, o sentimento oceânico, supõe a existência do narcisismo primário. O “sentimento oceânico”, escreve Freud, “aspiraria a restabelecer o narcisismo irrestrito” (FREUD, 1930/1976, p. 73), um sentimento egoico primário (*Id., ibid*, p. 69). O sentimento de “ligação indissolúvel ao todo do mundo exterior”, como escreve Rolland, não supõe um ego, mas uma situação inicialmente indiferenciada. Pensando esta questão na perspectiva da teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional primitivo,

esta situação pertence aos primórdios da vida psíquica, na qual é construído o narcisismo do indivíduo, inicialmente inexistente. As consequências para a vida psíquica de ambas as formas de compreender esse período inicial são radicalmente diferentes e de enorme importância. No primeiro caso é postulada a existência do narcisismo primário, que embasa a inevitabilidade do conflito entre indivíduo e sociedade e da repressão; no segundo caso torna-se necessário postular o conceito de individuação e o papel fundamental do ambiente – da sociedade – nesse processo. A importância dessa participação ambiental, que pode ou não favorecer a atualização das tendências naturais do sujeito, constitui outra diferença fundamental à medida que sustenta a historicidade das modalidades de relacionamento entre o indivíduo e a sociedade, que não seriam assim determinadas por pulsões elementares, como afirma Freud.

UM SER NATURAL E UM SER HISTÓRICO

Na concepção winnicottiana o ser humano é pensado, indissociavelmente, tanto como um ser natural quanto como um ser histórico. Ancorado na natureza, o bebê humano é portador de tendências cuja atualização suficiente depende, no entanto, da insubstituível participação do ambiente favorecedor, inicialmente representado pela figura materna. Dinamizado pela força vital, o desenvolvimento emocional primitivo não está, entretanto, garantido. Um severo fracasso ambiental no acolhimento do bebê pode afetar em diversos graus a atualização das tendências naturais, dando origem ao adoecimento. Assim, o conceito de saúde emocional é indissociável da qualidade do processo de desenvolvimento emocional e do cuidado ambiental. A maneira de conceber a natureza é, no pensamento winnicottiano, totalmente diferente daquela sustentada pelo pensamento patriarcal – e retomada pelo paradigma moderno e pela metapsicologia freudiana. Afastando-se radicalmente do pressuposto que a pensa ao interior de uma dualidade na qual ocupa a parte inferior, Winnicott não reduz a natureza humana a sua parte material. Seu conceito de psicossoma engloba um organismo (o soma) dotado de uma capacidade ao mesmo tempo natural e imaterial, que caracteriza no início da vida o psiquismo. Também as emoções possuem um sentido na natureza humana, não sendo esse sentido tributário da linguagem, como concebe o discurso dualista inspirado no imaginário patriarcal. Os significados que os sentimentos recebem em cada cultura são certamente uma produção aleatória da linguagem; porém eles possuem

um sentido que lhes é próprio. Sentimentos de amor e empatia constituem uma tendência humana fundamental, embora sua atualização criativa dependa – como é o caso de todas as tendências naturais – da atividade acolhedora do ambiente. Sentidos ainda mais fundamentais, como o de que a vida vale a pena de ser vivida ou seu contrário, de que não vale a pena, nada têm a ver com a atribuição de significações pela cultura. A não diferenciação entre sentido e significado constitui uma marca do imaginário patriarcal.

Na contramão do imaginário patriarcal e da metapsicologia freudiana, que desvaloriza o corpo, a intuição e os afetos, a concepção do desenvolvimento emocional primitivo os considera o suporte da comunicação na relação primária. Na concepção de Winnicott, sustentada em uma longa experiência clínica, é na matriz materna, caracterizada por ser uma relação dual, afetiva, corporal e inconsciente, que o indivíduo constrói seu narcisismo, seu ego e seu superego espontâneo. Esta concepção supera assim a concepção cartesiana segundo a qual a representação constitui a mediação imprescindível nos processos de percepção da realidade objetiva. Explicitamente derivada do dualismo antropológico e da redução do corpo (e do que no homem é natural) a uma máquina, esta concepção cartesiana foi encampada pela metapsicologia freudiana, embora não pela sua teoria clínica. Como já mencionado, para Winnicott o que no homem é natural não se reduz a seus aspectos biológicos, mas inclui também a vida emocional e suas tendências, bem como sua capacidade de elaboração imaginativa.

A concepção das tendências naturais e da dependência destas do cuidado ambiental para sua atualização criativa, caracteriza o abandono dos pressupostos deterministas, mecanicistas e individualistas – centrais na construção da metapsicologia freudiana – no pensamento de Winnicott. Sua concepção do desenvolvimento emocional adota claramente a perspectiva historicista, substituindo o conceito de indivíduo pelo de individuação. Na sua perspectiva, o desenvolvimento constitui um processo contínuo que abrange tanto o corpo quanto a personalidade (WINNICOTT, 2015, p. 83). Neste processo a experiência da alimentação do corpo e da atividade imaginativa do bebê é fundamental, sendo estes processos indissociáveis posto que baseados um no outro (*Id., ibid*, p. 95). Na sua concepção a mente não se confunde com o psiquismo e constitui uma aquisição mais tardia do bebê, surgindo como parte do psiquismo especializado no pensamento lógico. A atividade psíquica existe, entretanto, desde o início da vida, sendo que, como atividade psicossomática, desenvolve as relações do bebê com o mundo externo, que ele ainda não reco-

nhece como tal. Após o desenvolvimento do pensamento lógico, iniciado no contexto de diferenciação e operado na posição depressiva, a atividade psíquica continua diferenciando-se do pensamento lógico operado pela mente, ao qual sempre precede.

FANTASIA, REALIDADE E CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

A experiência clínica de Winnicott com os processos de desenvolvimento emocional e o afastamento de sua reflexão teórica da camisa de força da metapsicologia, lhe permitiram construir uma perspectiva original do processo de construção da subjetividade, do funcionamento psíquico e das relações com a realidade. Livre da pesada herança determinista do pensamento ocidental que reduz o papel da fantasia a uma mera reprodução do percebido na realidade, Winnicott pensa a fantasia na sua dimensão de atividade fundamental e incessante da criatividade humana e de sua relação com a realidade. Na problemática da fantasia, como em tantos outros aspectos fundamentais, o gênio de Freud abriu uma nova perspectiva a partir das suas experiências clínicas, mas tornou a fechá-la na elaboração metapsicológica. Descobriu o papel central da fantasia na etiologia do adoecimento psíquico, mas a reduziu a uma reação patológica à aceitação da realidade frustrante. A perspectiva determinista impediu-lhe de compreender a dimensão criativa da fantasia, limitando severamente a possibilidade de pensar a criatividade humana, restringida neste campo, basicamente, ao estudo dos processos criativos de grandes artistas ou escritores (WINNICOTT, 1976, p. 100).

Na concepção winnicottiana, pelo contrário, a elaboração imaginativa das experiências constitui a matriz da capacidade humana não apenas de apreender a realidade, mas também de construí-la, considerando, em consonância com os postulados da física quântica, que a participação das fantasias nos processos de conhecimento é indissociável do ato de conhecer. “A fantasia é mais primária que a realidade – escreve – e o enriquecimento da fantasia com a riqueza do mundo depende da experiência da ilusão” (WINNICOTT, 1945/2000, p. 228). Esta compreensão do processo de apreensão da realidade e da construção do conhecimento pelo indivíduo, exige a superação do dualismo e da perspectiva que atribui à consciência racional o monopólio na atividade de conhecimento. Exige ainda o abandono da concepção mecanicista do corpo e da redução dos afetos naturais humanos à pura força desprovida de sentido.

Para Winnicott, “a criatividade é uma atitude face à realidade externa” (WINNICOTT, 1976, p. 95), sustentada pelo agir espontâneo. Seu contrário, que é o agir reativo, tem como consequência a submissão e a incapacidade para uma vida criativa. Como assinalado acima, esta atitude criativa face à realidade externa e à vida, faz o indivíduo sentir que a vida é digna de ser vivida, sentimento ausente nos relacionamentos de submissão, nos quais a realidade é apenas reconhecida como algo a que ajustar-se, a exigir adaptação. A consequência desta última atitude, para Winnicott, é a emergência de um “falso *self*” – um *self* construído por adaptação –, o contrário do verdadeiro *self*, que requer para sua emergência um agir espontâneo e por isso criativo. É nesta concepção que se sustenta sua insistência em que, desde o início da experiência de viver, o bebê humano encontre a realidade a partir de um impulso e não de uma adaptação. Estar vivo e saudável exige manter uma relação criativa com a realidade externa e isto é assim porque o impulso criativo é “naturalmente necessário” quando qualquer pessoa realiza algo de maneira saudável.

Enfatizando que o impulso criativo não pode ser explicado, Winnicott afirma, no entanto, a possibilidade de estabelecer um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito, constatando-se assim que “a criatividade relaciona-se ao estar vivo”, já que “ser humano é perceber o mundo de maneira criativa” (*Id., ibid.*, p. 99-100). A relação criativa que o indivíduo humano é capaz de estabelecer com a realidade externa, é indissociável das experiências emocionais, sendo o respeito pela expressão da espontaneidade no viver do indivíduo que, como semente da liberdade, embasa a apropriação por parte do indivíduo, dessa capacidade criativa. A experiência do viver criativo é assim condição do desenvolvimento emocional sadio. É assim possível compreender as causas que levam à perda desse viver criativo, compreensão de grande interesse para a teoria do desenvolvimento emocional e para prática clínica

A fantasia media sempre a relação humana com a realidade externa, sendo essa a razão que faz com que dita realidade esteja sempre em processo de criação. Neste ponto de seu raciocínio, tão afastado do imaginário moderno e tão perto da perspectiva contemporânea, Winnicott pergunta com bom humor o que diferencia os “normais” dos psicóticos, já que ambos se relacionam com a realidade através da mediação das fantasias. Responde que os ditos “normais” aprenderam com a experiência quais são as fantasias que funcionam e quais não, conservando as segundas para o terreno da religião e da arte. Assim, questões tais como, criatividade, fantasia, participação na realidade percebida e inserção do homem na natureza são, na sua perspectiva, indisso-

ciáveis da saúde humana, lembrando que, radicalmente afastado da perspectiva determinista, a inserção do homem na natureza é compreendida como fonte de exigências cuja satisfação depende da inserção criativa no ambiente.

Na concepção da realidade e das relações com ela, o pensamento winnicottiano se afasta radicalmente da postulada pelo pensamento moderno e encampada por Freud. “Objetividade – escreve – é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido” (*Id., ibid.*, p. 96). A óbvia participação da fantasia criativa nesses processos o levaram assim a discordar de Freud no que tange ao papel da fantasia. O que Freud denomina fantasia, isto é uma reação doentia face a uma frustração imposta pela realidade, é denominado por Winnicott de “devaneio”, sendo diferente da fantasia que, como foi lembrado, considera ser anterior à realidade e mediadora de todo contato humano com ela.

A apreensão inconsciente da realidade externa não opera apenas durante o processo de desenvolvimento emocional primitivo, mas constitui uma forma permanente de funcionamento do processo de apreensão do real pelo psiquismo humano. Diferentemente dos processos de apreensão consciente, não é mediada pelo ego. É por essa razão que Winnicott afirma que o ato de criação é feito sempre em estado de não integração. A apreensão inconsciente da realidade é direta, supondo não uma atividade que ordena a realidade constituindo objetos, mas uma atitude de recepção e acolhimento do impacto do real sob sua forma magmática. Constitui um pressuposto dos atos reflexivos, permitindo pensar a difícil questão da eficiência do saber científico. Com efeito, se a ciência deve ser considerada não como um espelho do real, mas como uma construção contingente que o ordena, como explicar então que essas construções tenham valor operatório, isto é, sejam capazes de manipular o real? Excluindo a hipótese de uma “feliz coincidência”, torna-se necessário postular a existência de processos que orientem a construção dos modelos científicos de maneira a torná-los capazes de apreender algo da forma de ser do real. Assim, a experiência da apreensão direta supõe uma forma de ser do real que não se confunde nem com uma organização racional nem com o puro caos. Dito de outra maneira: a compreensão da decisiva participação humana na produção da organização presente no real, não equivale a conceber este como privado de toda e qualquer forma própria de ser. Mas, por outro lado, não é possível atribuir-lhe uma ordem determinada existente em si mesma, na medida em que o ato de conhecimento introduz algo do sujeito não apenas no ato de conhecer, mas no próprio objeto.

No contexto de uma concepção do conhecimento que, abandonando tanto a onipotência do racionalismo como o pressuposto de uma forma de ser do real inteiramente organizada conforme a lógica identitária, nossos conhecimentos se legitimam não por ser expressão da “verdade” do ser, mas pela sua pertinência. Isto é, sua capacidade para, apreendendo algo da forma de ser do real, poder agir sobre ele. Assim, eles são úteis, pertinentes. Mas também provisórios. São “hipóteses que realmente funcionam” (WINNICOTT, 1948/2000, p. 288), eficientes para lidar com seus “objetos”.

VERDADEIRO E FALSO SELF

Esta conceição da criatividade e da fantasia, junto com sua concepção da natureza humana dotada por tendências em vez de determinações, constituem no pensamento de Winnicott o contexto que lhe permite formular o conceito de “verdadeiro *self*”. Este conceito nomeia experiências clínicas nas quais a superação do sofrimento neurótico não pode ser considerada equivalente à saúde, já que, mesmo superando o sofrimento neurótico, o paciente em análise continuava sentindo que a vida não valia a pena de ser vivida. O “verdadeiro *self*” é construído pela vivência do viver espontâneo, sendo frustrado pela imposição ambiental do viver reativo. Ele nomeia a exigência de singularidade que caracteriza todo indivíduo ou o sofrimento de sequer poder sentir essa singularidade. O “verdadeiro *self*” é uma tendência cuja frustração acarreta sofrimento, não sendo possível entendê-lo como sendo uma essência. É preciso superar o pensamento essencialista para poder pensá-lo. Concebê-lo exige o recurso ao paradoxo, conceito que no pensamento de Winnicott não designa uma falha do pensamento lógico identitário, mas os limites dessa modalidade de pensamento. Apreender teoricamente a complexidade do humano exige, na perspectiva de Winnicott, superar o monopólio do discurso racional na construção do conhecimento.

BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como assinalado acima, Winnicott abandona decididamente o determinismo afirmando a historicidade não apenas do ser humano, mas, até certo ponto, da “realidade objetiva”. Afastando-se da concepção mecanicista e determinista da

natureza humana, rejeita a concepção hobbesiana do homem como lobo para o homem, segundo a definição de Hobbes encampada por Freud e por ele adotada seja na sua concepção da natureza conflitiva do humano e do conflito social como inevitável e da repressão como condição da sociabilidade, seja posteriormente na sua postulação da existência da pulsão de morte (FREUD, 1930/1976). Reivindicando o que denomina “bondade originária” Winnicott rejeita o conceito de pulsão de morte, afirmando que a origem da moralidade humana não é resultado da imposição operada pela autoridade paterna num contexto de conflito e ameaça, mas emerge a partir da existência de uma aptidão natural para a empatia, atualizada num contexto de acolhimento amoroso do ambiente, representado no período primitivo de desenvolvimento pela figura materna.

Encerrando este breve artigo gostaria de sugerir que a compreensão de Winnicott sobre a sociabilidade constitutiva como característica central do humano, somada a sua concepção sobre o verdadeiro self como uma necessidade fundamental para uma vida com sentido, permite pensar que o conceito de singularidade deve ocupar um lugar central nas reflexões sobre o ser humano, sobre a sociedade e sobre suas relações, constituindo um conceito fundamental para as ciências sociais e humanas. O dito conceito muito auxiliaria na discussão da problemática em torno da questão da identidade de gênero e de novas formas de se vivenciar a sexualidade humana.

Carlos Alberto Plastino
caplastino@gmail.com

Referências

ARMONY, N. *O homem transicional*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

CASTORIADIS, C. *Instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1978.

FREUD, S. (1900). *La interpretación de los sueños* (primeira parte). Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976. (Obras completas, 4).

_____. (1900/1901). *La interpretación de los sueños* (segunda parte). Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976. (Obras completas, 5).

_____. (1912/1913). *Tótem y tabú*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976. (Obras completas, 13).

_____. (1915). *Lo inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976a. (Obras completas, 14).

_____. (1915). *La represión*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976b. (Obras completas, 14).

_____. (1923). *El yo y el ello*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976. (Obras completas, 19).

_____. (1930). *El malestar en la cultura*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1976. (Obras completas, 21).

_____. (1937/1939). *Moises y la religión monoteísta*. Buenos Aires: Amorrortu editores 1976. (Obras completas, 23).

WINNICOTT, D. W. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. (1948). *Pediatria e psiquiatria*. In: _____. *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1950/1955). *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1945). *Desenvolvimento emocional primitivo*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. (1964). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. (1962). *Enfoque pessoal da contribuição kleiniana*. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: Artmed, 1983.

_____. (1963). Moral e educação. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. São Paulo: Artmed, 1983.

_____. A criatividade e suas origens. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.